



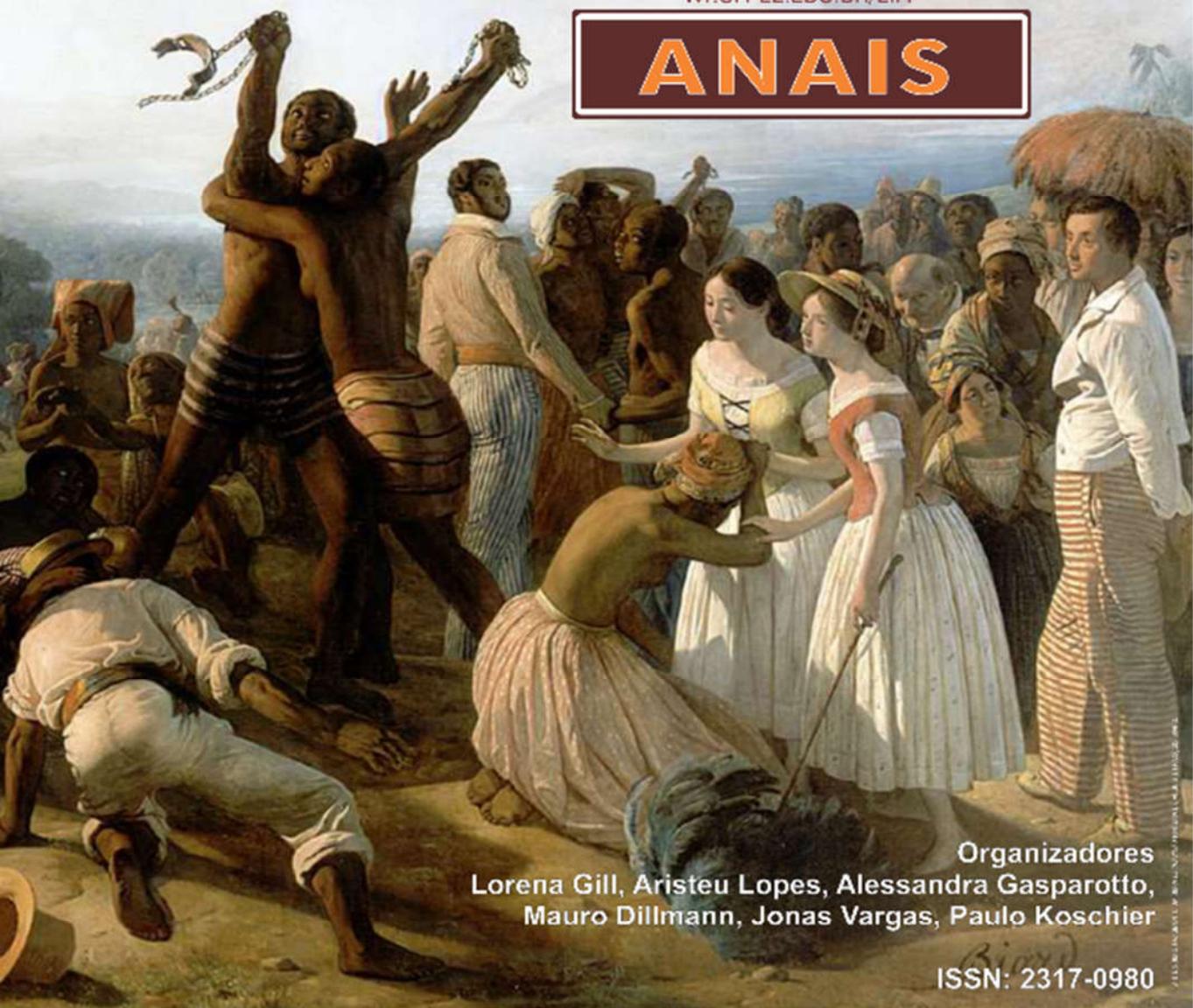
IV ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES

TRIBUTO À OBRA DE BEATRIZ LONER

24 A 26 DE OUTUBRO DE 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
WRUFPEL.EDU.BR/EIFI

ANAIS



Organizadores
Lorena Gill, Aristeu Lopes, Alessandra Gasparotto,
Mauro Dillmann, Jonas Vargan, Paulo Koschier

ISSN: 2317-0980



UFPEL



Associação

Realização

Fomento



Reitor

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor

Luis Isaías Centeno do Amaral

Direção de Gabinetes da Reitoria

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cóssio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação

Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Otávio Martins Peres

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Sérgio Batista Christino

Conselho Editorial Pres. do Conselho Editorial: João Luis Pereira Ourique

Repr. das Engenharias e Computação: Darci Alberto Gatto

Repr. das Ciências Biológicas: Flávio Roberto Mello Garcia e Marínes Garcia (suplente)

Repr. das Ciências da Saúde: Francisco Augusto Burkert Del Pino e Claiton Leoneti Lencina (suplente)

Repr. das Ciências Agrônômicas: Cesar Valmor Rombaldi, Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (suplente) e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente)

Repr. das Ciências Humanas: Márcia Alves da Silva e Cláudio Baptista Carle (suplente)

Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: Carla Rodrigues Gastaud

Repr. das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Kênia Moreira Bernini – CRB – 10/920

E56a Encontro Internacional Fronteiras e Identidades (4. : 2018 :
Pelotas, RS)

Anais do IV Encontro Internacional Fronteiras e Identidades : [recurso eletrônico] tributo à obra de Beatriz Loner / organizadores Lorena Gill, Jonas Vargas, Mauro Dillmann, Alessandra Gasparotto, Aristeu Lopes e Paulo Koschier. Pelotas, 2018.

995p.

10 MB ; PDF

ISSN: 2317-0980

Acesso: <https://wp.ufpel.edu.br/eifi/publicacoes/>

1. História. 2. Identidade. 3. Fronteiras. 4. Cultura.
5. Memória. I. Gill, Lorena. II. Vargas, Jones. III. Dillmann, Mauro. IV. Gasparotto, Alessandra. V. Lopes, Aristeu. VI. Koschier, Paulo. VII. Título.

CDD 981

O IV EIFI – Tributo a obra de Beatriz Ana Loner tem responsabilidade limitada sobre o conteúdo da presente obra. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume.

Organização

Coordenação Geral

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Comissão organizadora

Prof. Dr. Jonas Vargas

Prof. Dr. Mauro Dillmann

Profa. Dra. Alessandra Gasparotto

Prof. Dr. Aristeu Lopes

Paulo Luiz Crizel Koschier

Comitê Científico

Prof. Dr. Edgar Gandra

Profa. Dra. Danielle Galindo

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Profa. Dra. Clarice Speranza

Secretaria

Paulo Koschier

Site e Facebook

<https://wp.ufpel.edu.br/eifi/>

<https://www.facebook.com/IIleifi>

Realização

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)

Núcleo de Documentação Histórica da UFPel (NDH-UFPel)

Anais

Diagramação: Paulo Koschier

Capa: *nativudesign*

Os textos contidos neste nos Anais do IV EIFI são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores

Apresentação

O IV Encontro Internacional Fronteiras e Identidades propõe o debate sobre questões associadas ao estudo das fronteiras geográficas, identitárias e disciplinares no âmbito das áreas da História e seus desdobramentos na política, cultura e sociedade na atualidade. Nesta edição o evento será dedicado a homenagear a obra da professora Beatriz Ana Loner, sendo focado, portanto, em discussões sobre classe operária, pós-abolição e mundos do trabalho.

O evento ocorrerá a partir de uma proposta que congrega simpósios temáticos, conferências e mesas-redondas.

Dando continuidade aos eventos anteriores e buscando o mesmo sucesso acadêmico alcançado anteriormente, o IV Encontro Internacional Fronteiras e Identidades congregará, entre apresentadores e ouvintes, alunos de graduação, pós-graduação, professores acadêmicos, além de outros pesquisadores, da História e de outras áreas das Ciências Humanas e comunidade em geral.

O encontro se configura num evento significativo e uma oportunidade para a circulação qualificada de trabalhos produzidos por pesquisadores do país, bem como internacionais, representando ainda um incentivo para novas pesquisas na área e formas de interação com a comunidade, sobretudo do Conesul. O evento promoverá a apresentação de trabalhos (concluídos e em andamento) para crítica e debate.

Está prevista a participação de pesquisadores de importantes centros internacionais da pesquisa em História, como a Universidade de Buenos Aires e de importantes instituições nacionais, como a UFF, a UFPR e a UFSC.

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill.

Coordenador do IV EIFI

Sumário

| | |
|---|------------|
| (Des) construindo gênero, corpo e sexualidade: A Sexualidade na obra de Masters & Johnson | 14 |
| Carolina Abelaira | |
| O Colégio Noturno 20 de Setembro: a comunidade negra em agência por projetos de educação | 28 |
| Caiuá Cardoso Al-Alam | |
| Vinicius Sabino | |
| Alberto Pasqualini e Leonel Brizola: perfis distintos, trajetórias cruzadas, candidatos petebistas (1945-1958) | 43 |
| Douglas Souza Angeli | |
| Samuel da Silva Alves | |
| História ambiental no meio rural: um estudo na comunidade quilombola de “Teixeiras” | 57 |
| Sabrina Machado Araujo | |
| Wakanda e as Fronteiras (in)visíveis em “Pantera Negra” | 70 |
| Tatiana Brandão de Araujo | |
| Franciele Rodrigues Guarienti | |
| Cinema e História: Representações e contexto político em Scarface (1983) | 81 |
| Vitor Bernardi Bündchen | |
| Lazer e Acessibilidade em Pelotas/RS: ações do projeto piloto 'Pelotas Acessível' | 91 |
| Liliane da Cruz Caldas | |
| Charlene Brum Del Puerto | |
| Revista BRAVO!: Um estudo sobre as fontes iconográficas do exemplar nº 110/2006 | 100 |
| Lislaine Sirsi Cansi | |
| Giana Lange do Amaral | |
| Análise de possíveis identidades e culturas brasileiras no desenho animado "Irmão do Jorel" | 115 |
| Joyce Silva Cardoso | |
| Fronteira, identidade e alteridade: o relato de Talita Ribeiro | 125 |
| Pierre Chagas | |
| Dalila Rosa Hallal | |

| | |
|---|------------|
| “Assustada e frágil, do jeito que mulher tem que ser”: um panorama da representação do feminino nas histórias em quadrinhos | 135 |
| Márcia Tavares Chico | |
| O Grupo Feminista Germinal e o Movimento de Mulheres Santa-marienses (1981-1995): uma proposta de pesquisa | 145 |
| Paula Ribeiro Ciochetto | |
| Recursos midiáticos no Ensino de História: desenvolvimento de competências em informação e mídia | 157 |
| Sabrina Corrêa | |
| Renata Braz Gonçalves | |
| Trajetória de menores no Hospital São Pedro (1925 - 1945) | 169 |
| Lisiane Ribas Cruz | |
| As ações de governação (governance) para a livre circulação de engenheiros civis no espaço da CPLP: efeitos da crise de 2008 em Portugal | 183 |
| Daniel da Rosa Eslabão | |
| Lazer e hospitalidade em São José do Norte no século XIX: Quando a devoção é uma festa | 190 |
| Alessandra Buriol Farinha | |
| Fabio Vergara Cerqueira | |
| O erotismo feminino nas fotografias de capa do periódico carioca O Rio Nu (1908 – 1909) | 203 |
| Andrieli Paula Frana | |
| A fundação do Sport Club Novo Hamburgo e o futebol como forma de lazer na localidade no início do século XX | 213 |
| Natália Garcia | |
| Criando um Herói: A Construção de Personagem de Dom Pedro I em “Independência ou Mortos” | 227 |
| Laura Giordani | |
| A atuação feminina no movimento estudantil universitário durante o processo de redemocratização do Brasil (Pelotas/RS: 1977-1985) | 244 |
| Luisiane da Silveira Gomes | |
| As interdisciplinaridades na história oral: notas sobre suas contribuições para pesquisas no curso de educação física | 258 |
| Clarice Janaína de Oliveira Gonçalves | |
| Carmo Thum | |

| | |
|--|------------|
| Travessia – o protagonismo da fronteira Jaguarão-Brasil/Rio Branco – Uruguaí na rota dos passageiros da liberdade durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1973) | 271 |
| Darlise Gonçalves de Gonçalves | |
| Quem foi Eustáquio Marinho? Circulação geográfica e trânsito ideológico na trajetória de um militante operário (quase) anônimo. | 282 |
| Luciano de Moura Guimarães | |
| Comunicação visual da cidade de São Paulo na década de 1940: olhares e registros de Hildegard Rosenthal | 293 |
| Maria Clara Lysakowski Hallal | |
| Periódicos como objeto e fonte sob a perspectiva da microanálise: forma cultural, tecnologia e abordagens teóricas e metodológicas | 307 |
| Gilson Moura Henrique Junior | |
| De história, de ciências e de neurociências | 319 |
| Paula Simone Bolzan Jardim | |
| O lugar do ensino de geografia no entre-lugar de fronteira: transpassar os limites curriculares | 333 |
| Marcos Irineu Klausberger Antonio Carlos Castrogiovanni | |
| As fronteiras entre judeus e cristãos: o caso de Colônia na Idade Média Tardia | 348 |
| Christian A. Kremer | |
| 1º de maio de 1950 em Rio Grande: O Massacre da Linha do Parque e a disputa pela memória | 357 |
| Lênin Pereira Landgraf | |
| João Carlos Gastal: a ação do Deputado Estaduall pelo MDB-Pelotas, na ALERGS | 368 |
| Daniel de Souza Lemos | |
| O significado do souvenir para o turista | 386 |
| Alice Leoti Lucimari Acosta Pereira | |
| Jarid Arraes: Intelectual negra, feminista e artista | 399 |
| Eliane Goulart Mac Ginity | |

| | |
|---|------------|
| A criação de guasqueria na fronteira | 412 |
| Juliana Porto Machado | |
| A questão de gênero na guasqueria | 427 |
| Juliana Porto Machado | |
| Identidade de Pelotas: memória do legado cultural conduzido pela educação patrimonial | 442 |
| Enildes Devanesca Cruz Madeira Mara Sirlei Lemos Peres | |
| Usos e sentidos do livro OSPB, de Frei Betto, na prática docente de uma professora (1987 – 1993) | 445 |
| Lisiane Sias Manke Maria Carolina Padilha de Souza Neta | |
| Grupo de Ação Lésbica Feminista: A necessidade de se fazer representar | 463 |
| Larissa P. Martins | |
| Atualizações e reformulações da memória coletiva nas religiões de matriz africana a partir de fotografias. Um olhar batuqueiro sobre a imagem de si mesmo (Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande – 1970-2000) | 469 |
| Sílvia Gonçalves Mateus | |
| Memorial HCI. A Exposição como Construtora de um Discurso Oficial | 478 |
| Helena Thomassim Medeiros Juliane Conceição Primon Serres | |
| Ser mulher e radialista – A presença e o trabalho das mulheres na Rádio Federal FM | 490 |
| Silvana de Araújo Moreira | |
| Reflexões sobre a musealização contemporânea e o museu virtualizado | 505 |
| Valdir Morigi Rafael Chaves | |
| “Sasaki Kojiro- A espada invencível”: Uma análise do arco da personagem no mangá Vagabond | 514 |
| Lucas Marques Vilhena Motta | |
| Olhares femininos: um projeto editorial feminista | 527 |
| Helena de Araujo Neves Ingrid Fabiola Gonçalves | |

| | |
|---|------------|
| História e memória regional: uma experiência no Museu Henrique Uebel (Teutônia RS) | 541 |
| Cristiano Nicolini | |
| A Trajetória dos (as) varredores (as) de rua na cidade de Pelotas | 548 |
| Morgana Nunes | |
| Lorena Almeida Gill | |
| "Infelizmente, gostamos dos Macunaímas": o racismo na formação de oficiais do exército brasileiro durante a ditadura militar | 561 |
| Amanda Gabriela Rocha Oliveira | |
| Rodolpho Ignácio Xavier: experiência de um nascido de Ventre Livre | 573 |
| Ângela Pereira Oliveira | |
| Identidades: a diversidade cultural e o autorreconhecimento através de práticas na sala de aula | 584 |
| Janaína Quintana de Oliveira | |
| Graciela Cardoso Domingues | |
| O papel das mulheres do século XIX no romance "O primo Basílio" de Eça de Queiroz, com enfoque nas personagens Luísa e Juliana | 593 |
| Janaína Quintana de Oliveira | |
| De John Wayne a Sylvester Stallone, os atores hollywoodianos a serviço da ideologia estadunidense | 600 |
| Maicon Alexandre Timm de Oliveira | |
| A linguagem e história no contexto das práticas socioculturais e desenvolvimento social na obra de Chico Buarque | 613 |
| Vânia Maria Abreu de Oliveira | |
| Na Fronteira Entre a Memória e o Esquecimento: os embates pela desapropriação do antigo centro clandestino Dopinha em Porto Alegre | 624 |
| Nadine Mello Pereira | |
| Africanos libertos: experiências de escravidão e liberdade em Pelotas (1850/1888) | 632 |
| Natália Garcia Pinto | |

| | |
|---|------------|
| Impresso Estudantil: o início de um estudo | 644 |
| Jaqueline de Gaspari Piotrowski | |
| O carnaval de mulheres rebeldes: entre o público e o privado nas questões de gênero | 655 |
| Beatriz Floôr Quadrado | |
| Descolonizando as Relações Internacionais: a raça e o racismo como categoria de análise | 666 |
| Mariana Felix de Quadros | |
| O Lúdico no Espaço de Memória Militar | 678 |
| Augusto Machado Rocha | |
| Fontes Medievais como objeto de Estudo: O Caso da <i>Legenda áurea</i> | 691 |
| Augusto Machado Rocha | |
| Crise, anticomunismos e projetos de nação: o patronato rural e as lutas em torno da questão agrária no Rio Grande do Sul (1961-1964) | 705 |
| Darlan de Farias Rodrigues | |
| Fronteiras da solidão em <i>Jane Eyre</i> e <i>Wide Sargasso Sea</i> | 716 |
| Solange do Carmo Vidal Rodrigues | |
| A manutenção da identidade e da memória pomerana na Serra dos Tapes – RS | 728 |
| Karen Laiz Krause Romig | |
| Pelotas e modernização: patrimônio histórico-cultural a serviço do progresso | 738 |
| Viviane Adriana Saballa | |
| Urindo a Idade das Trevas: pensar o medievo por meio do filme <i>Caça às Bruxas</i> | 750 |
| Amanda Basilio Santos | |
| A fronteira artificial e as relações naturais: arquitetura românica na região da Marca Galesa | 761 |
| Amanda Basilio Santos | |
| A fotografia entre o público e privado: a construção material e social da cidade a partir de cenas residenciais | 772 |
| Maira Eveline Schmitz | |

| | |
|---|------------|
| O acervo do Museu Municipal de Santa Rosa/RS: estratégias de preservação e acesso à pesquisa | 786 |
| Maira Eveline Schmitz Manuela Ilha Silva | |
| <i>Já que não soubemos evitar a sua entrada, cumpre-nos cercear com urgência a sua disseminação: de “país da febre amarela” para “país do tracoma”</i> | 799 |
| Leonor C. Baptista Schwartzmann | |
| Cultura maruja do estigma paradigmático: ensinar, civilizar e erradicar para servir! (1836-1857) | 813 |
| Cosme Alves Serralheiro Laryssa Celestino Serralheiro | |
| A fonte como objeto: Um estudo sobre os discursos e as categorizações do Almanaque do Globo (1917-1933) | 827 |
| André Rodrigues da Silva Eduardo Arriada | |
| A obra de Cotrim sendo analisada em uma coleção de livros didáticos para o ensino médio | 839 |
| Anelise Domingues da Silva | |
| Notas teóricas sobre uma pesquisa de campo: entendendo algumas consequências do trabalho terceirizado | 847 |
| Caroline Cardoso da Silva | |
| Competência informacional e ensino de história: um diálogo que promove aprendizado eficiente | 855 |
| Daiane Eslabão da Silva Thays Rodrigues Santos | |
| Impasses biográficos: “Zildíssima” ou a “carola missionária”? | 868 |
| Eduarda Borges da Silva | |
| O cinema japonês pós-guerra e a emersão do gênero <i>Tokusatsu</i> | 883 |
| Franciane da Silva | |
| Confronto interseccional e a raça que incomoda: percepções da historiografia da ditadura civil-militar brasileira | 892 |
| Gabriel Ribeiro da Silva | |

| | |
|--|------------|
| Reminiscências de egressos da educação básica acerca do ensino de história afro-brasileira | 902 |
| Paulo Gutemberg de Noronha e Silva Adriana Kivanski de Senna | |
| A proclamação da república no sul do Brasil: a construção do herói nos monumentos públicos | 912 |
| Sérgio Roberto Rocha da Silva | |
| Dançando nos Terreiros: educação dos corpos para as Giras na Quimbanda de Rio Grande/RS | 926 |
| Rodrigo Lemos Soares Mauro Dillmann Denise Marcos Bussoletti | |
| “Quero ver balanciar!!” | 936 |
| Notas sobre o ensino de danças de Exus e Pombagiras em Terreiros de Quimbanda no Rio Grande/RS | |
| Rodrigo Lemos Soares Mauro Dillmann | |
| Gênero e docência: narrativas autobiográficas de formação | 948 |
| Silvia Barreto Soares Carmo Thum | |
| Ensino de Alunos Necessidades Educacionais Especiais na Universidade Federal de Pelotas: Observação Participante da Tutoria Entre Pares | 961 |
| Felipe Severo Sabedra Sousa | |
| Os militares nacionalistas nas Forças Armadas Brasileiras: da Campanha da Legalidade (1961) ao Golpe Civil-Militar de 1964 | 968 |
| Bruno Marinho Trindade | |
| Práticas de pesquisa escolar no ensino de história: possibilidades para os docentes | 982 |
| Shana Vidarte Velasco Renata Braz Gonçalves | |

Reflexões sobre a musealização contemporânea e o museu virtualizado.

Valdir Morigi¹
Rafael Chaves²

Resumo: A revolução tecno-informacional e comunicacional possibilitou a sociedade em rede e com ela surgiram as mídias sociais, diferentes dispositivos comunicacionais virtuais (blogs, Instagram, sites de compartilhamento, fóruns, etc.). Essas mídias ampliaram as possibilidades de interação e participação dos cidadãos entre si e destes com as instituições em diferentes âmbitos. Os ambientes virtuais possibilitam e a difusão de informações sobre o patrimônio, constituindo os novos suportes da memória no ciberespaço. Entretanto, os usos das mídias sociais pelas instituições museológicas são recentes. O presente estudo é parte do projeto de pesquisa do mestrado e se insere na linha de Pesquisa Cultura e Patrimônio do Programa de Museologia e Patrimônio (PPGMUSPA/FABICO/UFRGS), amparado nos estudos de memória social e nos seus usos a partir da Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). O objetivo é oportunizar reflexões acerca das transformações do conceito de museu no mundo contemporâneo. Quais as informações digitais que ele divulga e como é o compartilhamento delas entre as instituições museais e os seus públicos? Como se configuram os novos patrimônios a partir dos museus e dos acervos virtualizados? As mídias sociais podem aproximar os visitantes dos museus através da comunicação museológica. O museu virtual, através dos usos das tecnologias digitais, realiza a mediação entre os objetos musealizados difundidos no ambiente virtual, possibilitando que cada visitante faça a sua interpretação das informações sobre os acervos digitais museográficos. Nesse processo, a comunicação museológica auxilia na apropriação das informações ao mesmo tempo em que possibilita maior visibilidade ao patrimônio documental que está sob o seu domínio. Os museus virtuais na rede, a partir das plataformas oficiais trazem novas práticas ao fazer museológico, pois possibilitam novas interlocuções com os usuários e a sociedade. Assim, os usos das mídias sociais pelos museus, auxiliam na acessibilidade das informações sobre os acervos ao mesmo tempo que possibilitam mostrar transparência nas ações museológicas e democratização destas instituições.

Introdução

A revolução tecno-informacional e comunicacional possibilitou a sociedade em rede e com ela surgiram as mídias sociais, diferentes

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO. Departamento de Ciências da Informação. Doutor Sociologia pela Universidade de São Paulo – USP. Professor titular do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia em e Patrimônio (PPGMUSPA)/UFRGS. E-mail: valdir.morigi@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação- FABICO. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMUSPA)/UFRGS. Email: rafateixeirachaves@gmail.com

dispositivos comunicacionais virtuais (blogs, Instagram, sites de compartilhamento, fóruns, etc.). As mídias sociais ampliaram as possibilidades de interação e participação público com as instituições museais virtualizadas em diferentes âmbitos. Os ambientes virtuais possibilitam acessibilidade e a difusão de informações sobre o patrimônio cultural, constituindo os novos suportes da memória no ciberespaço. Entretanto, os usos das mídias sociais pelas instituições museológicas são recentes.

As transformações nos espaços museológicos na contemporaneidade, e com a disseminação das informações na internet, cada dia mais utilizada, seja por dispositivos móveis ou por outros dispositivos, a comunicação virtual vem tomando conta dos espaços museológicos.

As tecnologias info-comunicacionais trouxeram mudanças na forma de perceber os espaços museais, alterando o próprio conceito de museu no mundo contemporâneo a partir da constituição dos museus virtuais. Nesse sentido, levantamos as seguintes indagações: A partir das plataformas digitais e do compartilhamento de informações como se configuram os novos patrimônios a partir dos museus e dos acervos virtualizados?

As mídias sociais podem aproximar os visitantes dos museus através da comunicação museológica. O museu virtual, através dos usos das tecnologias digitais, realiza a mediação entre os objetos musealizados difundidos no ambiente virtual, possibilitando que cada visitante faça a sua interpretação das informações sobre os acervos documentais da instituição. Nesse processo, a comunicação museológica auxilia na apropriação das informações ao mesmo tempo em que possibilita maior visibilidade ao patrimônio documental que está sob o seu domínio. Os museus virtuais na rede, a partir das plataformas oficiais trazem novas práticas ao fazer museológico, pois possibilitam novas interlocuções com os usuários e a sociedade.

De acordo com Thompson (1995, p.181), a análise cultural reside estudar as formas simbólicas, isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas.

O compartilhamento de informações digitalizadas em rede permite a preservação dos documentos originais, pois pode diminuir a manipulação dos objetos. Assim, os usos das mídias sociais pelos museus, auxiliam na acessibilidade das informações sobre os acervos ao mesmo tempo que possibilitam mostrar transparência nas ações museológicas e democratização destas instituições.

Museus virtualizados, comunicação e mídias sociais

As formas de comunicação nos museus, ao decorrer do tempo, vêm passando por constantes mudanças. No presente, com a perspectiva da museologia crítica, com os usos das tecnologias de informação e comunicação e o número de as pessoas conectadas na rede, possibilita uma aproximação dos cidadãos com os museus. A cultura do compartilhamento possibilita uma aproximação dos museus com os visitantes.

Entretanto, o uso das mídias sociais nas instituições museológicas brasileiras é algo recente e as discussões sobre o tema precisam avançar. Os gestores das instituições começam a rever seus olhares em relação aos sites de museus, inicialmente como um facilitador de comunicação de eventuais informações, tais como: como informes de data, local de abertura de exposições, notícias, para um novo formato de site de museu.

O que significa que o objeto museal deverá ser compreendido pela gênese das teias de relações e, não apenas como um produto que por si só, representa um espaço tempo histórico definido a priori por seus aspectos físicos que são determinados numa ação

documental que busca resgatar 'informações' sobre este bem cultural. (NASCIMENTO, 1994, p.30)

Nesta sociedade conectada, não bastam as instituições museológicas terem seus acervos documentados, o seu acesso é fundamental ao público, possibilitando uma interação com estas reproduções e o visitante tornar-se um ator comunicacional museológico. Os museus virtualizados, são instituições virtuais que se apropriam das redes sociais como suporte de interação e disseminação do acervo museológico digital.

Para Carvalho (2012) a evolução da comunicação dos museus na Internet é atualizada também por análise de artigos da mídia impressa e online. Segundo a autora, o museu virtual é aquele construído sem equivalência no espaço físico, com obras criadas digitalmente, não sendo substituto equivalente ou evolução dos primeiros.

A mudança paradigmática acerca dos formatos que museus assumem, questiona esses espaços como apenas locais para contemplação. Ele é, acima de tudo, um espaço de possibilita questionamentos e reflexões sobre a vida e o cotidiano. O museu virtual pode se tornar um local de reflexão e discussão acerca de objetos musealizados na virtualidade à medida em que ele incorpora novas dinâmicas que vão além da preservação dos objetos.

As mídias sociais possibilitam uma cultura de compartilhamentos, tornando dentro da plataforma digital uma experimentação de uso para museus. O uso das mídias sociais nos museus traz impactos no fazer social museológico, pois os objetos deixam de ser o centro das atenções, em contrapartida as ideias e sua fruição passam a ser o centro da instituição e o público deixa de ser o expectador para ser participante ativo.

Assim como profissionais de museus, um novo olhar sobre o fazer museológico a partir dos acervos na rede, com isso vários museus brasileiros estão adotando este novo modo de comunicar, portanto a comunicação se

tornou mais ampla, e com espaço para que o visitante tenha mais interação no feedback.

A projeção do objeto museal virtualizado expõe a noção de valor e de conservação do patrimônio ressoando o sentido de comunicação museal onde o público torna um consumidor do patrimônio digital, fazendo e que tenha acesso, e que use a interação na rede para suas apropriações.

Pensar a comunicação em museus é refletir e questionar o potencial do uso de mídias sociais como ferramentas de conexão entre o museu e o público a partir do objeto musealizado. Neste novo cenário, os museus utilizam as mídias sociais como um viés para comunicação, pois enfrentam os resquícios do paradigma anterior que distanciava o museu do visitante, neste novo modelo o público se torna parte do processo.

O processo museal se dá através de etapas de formação de acervo, pesquisa, salvaguarda pelos processos de conservação e documentação museológica, comunicação por meios de exposição e ações educativas para o patrimônio cultural.

A exposição é o resultado da soma de diferentes métodos museológicos que dão fruto a exposição. A exposição é uma forma de comunicação do que está sendo exposto, onde os museus expõe objetos materializados, seguindo o modelo europeu de museu, os objetos são geralmente o centro da exposição.

Assim, é na exposição que o visitante tem a oportunidade de conhecer o processo museológico em seus conceitos básicos como a aquisição, a documentação, a conservação e a comunicação. Este fenômeno museológico é um grande desafio, com isto conhecer as formas de comunicação museológica em rede determinando terminologias onde os usuários tenham compreensão deste novo fazer museológico.

Nos Museus a comunicação é feita quando o emissor codifica para o receptor, sendo comunicação museológica virtual ou não, ela tem

que ser convidativa, que faça o visitante ficar por alguns segundos contemplando, (em síntese, procura-se a interação entre a mensagem expositiva e o visitante, para que a exposição permita uma experiência de apropriação de conhecimento) (CURY, 2010, p.39).

Os museus virtualizados, portanto são potência de patrimonialização. Na história dos museus a comunicação com público estabelecia uma relação de receptor passivo da informação e a instituição o transmissor que já apresentava um código pronto para o acesso, e sem que o público pudesse passar suas impressões.

Segundo Horta, (1997, p.112), cabe ao museólogo desconstruir, decodificar e desmistificar os elementos da teia de relações de significados, que configuram o espaço e o objeto museal, “de modo a levar o público a perceber esses inúmeros sentidos deles decorrentes”. Faz-se importante colocar que o trabalho do museólogo transcende este “espaço museal”, atingindo as próprias práticas sociais e culturais, pois é por um lado dos artefatos e por outro da ação social que as formas culturais encontram articulação.

Desta forma, a expografia e a comunicação museológica, pelo seu caráter de informação do conteúdo e de importância comunicacional, demonstraram que o experimento desta pesquisa, envolvendo museus e redes sociais, constituiu uma relação social.

A exposição passou de ser realizada em um ambiente estático, pois na rede a exposição se torna mais próxima do público, com isto quero dizer que, no ambiente virtual, os visitantes se sentem mais livres para experimentar diferentes níveis de interação. Não só em uma curta página da instituição, mas se sentindo na instituição, ao fazer um comentário sobre o acervo, no envio de acervo digital, familiarizando-se com o acervo, além de, como se notou na pesquisa, muitas vezes tornar o visitante virtual em um visitante em potencial em museus com instituição física.

'Museu Virtual' é uma poderosa metáfora que pode ser aplicada para a apresentação de atividade criativa assim como repositórios de conhecimento. Certamente é no melhor interesse da comunidade museológica estabelecida aproveitar este potencial em vez de travá-lo. (KARP, 2004).

Esse fenômeno museológico é um desafio atual, com isto devemos conhecer as novas formas de interação em rede determinando terminologias onde os usuários tenham compreensão deste novo fazer museológico.

Considerações Finais

Assim, é possível identificar que a cultura do compartilhamento, através de plataformas digitais museológica, traduz uma nova forma de mediação entre instituição museal virtualizada e o público usuário das mídias sociais. No cenário atual se configuram os novos patrimônios digitais, criando uma relação mais próxima com seu público. A divulgação do acervo virtualizado gera novos arranjos através dos níveis de interações disponíveis na rede, como comentários, curtidas, compartilhamentos. Isso possibilita aos visitantes participarem da construção dos conteúdos através de suas experiências de vida, o que pode gerar laços sociais via a virtualidade.

O acervo das instituições museológicas virtualizadas passam por uma reprodução em que possibilitam os objetos saírem da sua materialidade, ainda que a materialidade objetual seja forte nos museus tradicionais. Na era da conectividade eles passam a serem representados digitalmente, constituindo os novos patrimônios culturais digitais. Assim, os museus virtuais podem democratizar os seus acervos e tornar acessível para todos, a virtualidade passa a se constituir um suporte, tornando fazer museológico mais dinâmico.

O compartilhamento nas mídias sociais das instituições museais possibilita uma maior aproximação dos usuários com o museu. Além disso, possibilita que as instituições museais conheçam quem são seus públicos virtuais. Os museus passam a utilizar da digitalização de seus acervos,

compartilhando nas suas mídias, possibilitando a quebra do limite geográfico, tornando o acervo virtual acessível. Apresentando um novo cenário museal, onde o acervo virtual se torna uma fonte de representação das instituições museais virtualizadas. Entretanto, novos estudos fazem-se necessários para desvendar os impactos das tecnologias de informação e comunicação nos espaços museais.

Referências

RÚSSIO, Waldia, SCHEINER, Tereza. **Dois caminhos, um único objetivo:** discutir museu e Museologia, Relatos de experiência.

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>. Acessado em 20/11/2017.

CURY, M.X. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico–de Educação Patrimonial. In: SOARES, A.L.R e KLAMT, S.C. Brasília, v.3, n.1, p.27-46, jan./dez. 2010

FUNARI, P.P.A e PELEGRINI, S.C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu:** a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2015.

Guia dos Museus Brasileiros/Instituto Brasileiro de Museus, Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011

HENRIQUES, Rosali. **Museus Virtuais e Cibermuseus:** A internet e os museus. Portugal, 2004. **[Falta a editora!]**

CHAGAS, Mario. **Uma gota de sangue em cada museu**. Rio de Janeiro: Argos, 2006.

MARTELETO, Regina. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Pesquisa Brasileira**. MCB disponível em:

<http://wp.ufpel.edu.br/museudascoisasbanais/> Acesso em 09 jul.2015, 20:50.
perspectiva.

PIERRE, Lévy. **O Que é Virtual**. Editora 34 São Paulo. 2011

PIERRE, Lévy. **Cibercultura**. Editora 34 São Paulo. 2010

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram**: considerações sob a perspectiva tecnológica. Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf>.

Acesso em: 09 jul. 2015, 20:15.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**, volume 1, MemóriaHistória. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**: caracteres y origen.

Traduzido por: Ana Pérez López. Madrid: La balsa de la Medusa, 2008.

ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais**. Nascimento do consumo séc. XVIII. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHEINER, Teresa Cristina. **Apolo e Dioniso no templo das musas**. Museu – Gênese, ideia e representações na cultura ocidental. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Estado do Rio e Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil, 1998.

SOARES, A.L.R. & REMPEL, A.H. **Alguns conceitos necessários para as ações Tecnologias**. 1999. Acessado em 9 de abril de 2015. **Qual o site?**

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2011.